

Voltar

POR QUE ESCREVER SOBRE ISTO?

Gosto muito de “memórias de conversão” (talvez todos nós, convertidos, gostemos), como as de Santo Agostinho, ou, mais modernamente, Garcia Morente, André Frossard ou Gustavo Corção, vindos do ateísmo ou agnosticismo, ou do Scott Hahn, egresso do calvinismo.

Inspirado nesses grandes conversos, eu tenho me debruçado, atualmente, sobre escritos antigos, sobretudo do meu blog, para buscar compreender (até onde é possível compreender...) a minha volta à fé católica, e escrever, se conseguir, algumas crônicas sobre o assunto. Não só por mim, pessoalmente, que pouco valho, mas pela circunstância existencial e intelectual que me cercava e era a da minha geração, formada e deformada pela mentalidade contracultural dos anos sessenta.

Só vejo uma possível justificativa para essas páginas, que é o fato da minha vida ser como a de muitas pessoas da minha geração, num aspecto que hoje considero da mais grave importância: a indiferença pelo cristianismo, quando não repúdio. Uma vida típica, portanto. Minha esperança é que o tipo a que pertenço possa se exprimir, ainda que de modo bem canhestro, através de minha experiência pessoal. Sei que toda luta com o Anjo é pessoal e intransferível, mas a divulgação dos próprios equívocos pode ter alguma serventia para os que, hoje, estão buscando se libertar dos seus. Os amigos mais velhos tem o dever de avisar os mais novos.

Escolhi para essas confidências a crônica, gênero um tanto paradoxal, que consiste mais ou menos em falar sozinho para os outros... Dizia o poeta Antonio Machado que quem fala sozinho, espera falar com Deus um dia. Conversar com Deus e, por causa Dele, com o próximo, é uma das motivações, senão a principal, da literatura católica. Embora não utilize expressamente o Tu divino que aparece nas *Confissões* de Santo Agostinho, é para Ele que escrevo estas mal traçadas linhas, embora deseje sinceramente partilhar meus erros com os amigos da minha geração,

companheiros de caminhada que também erraram; ou os novos amigos, que ainda podem evitar os erros que cometemos, sobretudo o de pretender construir um mundo sem Deus.

Sabemos que os livros de memórias só se justificam se o autor é uma personalidade conhecida o suficiente para atrair o interesse. Por que dar meu testemunho, eu que sou um ilustre desconhecido, fora do círculo reduzidíssimo dos leitores deste site?

Só tenho uma resposta: a necessidade de escrever sobre “isto”. Não adianta varrer o “eu” para debaixo do tapete: Deus nos quis pessoas, portanto seres individuais, e é desse ângulo que obrigatoriamente temos de ver as coisas, buscar compreendê-las, botando ordem nesse balaio de gato que é a vida pessoal de cada um, sabendo que falar das próprias experiências só tem um sentido, que é apontar para Algo que nos supera em todos os aspectos: a Providência divina.

José Carlos Zamboni